

Comissão reprov^{DF Jauá}a Hospital de Base

Se Collor precisasse
de uma emergência teria
de sair de Brasília 1 2 ABR 1990

José Rezende Jr.

BRASÍLIA — No dia 22 de março, uma equipe formada por três médicos da Presidência da República, assessorada pelo cirurgião-geral e especialista em traumas Dario Birolini, do Hospital das Clínicas de São Paulo, percorreu durante uma hora o Hospital de Base de Brasília, em busca da resposta para uma questão angustiante: em caso de emergência, o hospital estaria suficientemente aparelhado para atender o presidente Collor? Os quatro médicos foram embora com um motivo a mais para se preocupar com as aventuras do presidente da República a bordo de motos, *jet-skis* e ultraleves.

— Eu disse a eles que não temos condições de atender sequer a um indigente, quanto mais um presidente da República — conta o cancerologista ginecológico Maurício Bezerra Cariello, 43 anos, que há pouco mais de 12 meses dirige o Hospital de Base de Brasília, a mais importantes e ao mesmo tempo a unidade em estado mais grave na crise que atinge toda a rede de saúde pública do Distrito Federal. A contragosto, Cariello é obrigado a concordar com a célebre maldição lançada pelo ex-senador Magalhães Pinto: “O melhor atendimento médico de Brasília é a ponte aérea.”

— É triste, mas no caso de um acidente, o melhor mesmo é o presidente procurar atendimento em São Paulo, por exemplo — lamenta Cariello. Tem motivos de sobra para se lamentar. Afinal, a instituição que dirige foi concebida para ser um hospital terciário, o que quer dizer com tecnologia sofisticada para diagnóstico e tratamento. Mas no único hospital terciário da capital da República não existe nenhuma tecnologia sofisticada. Falta, por exemplo, um tomógrafo computadorizado, o que obriga o

perigoso deslocamento de um paciente — um presidente da República, por exemplo — em estado grave por um percurso de 16 quilômetros até uma clínica particular.

Inferno — Mas faltam coisas ainda mais absurdas, como álcool etílico comercial, termômetro clínico, algodão, fios para sutura, luvas e máscaras cirúrgicas.

— Os médicos rasgam gorros e transformam em mascarar cirúrgicas improvisadas. Mas vai chegar um dia em que também os gorros se acabarão — horroriza-se Cariello.

No estoque de remédios, faltam desde a vulgar Novalgina a remédios para insuficiência cardíaca, como a Digoxina, passando pelo soro glicosado e pela Peditina, uma espécie de morfina sintética, para aliviar as dores de doentes de câncer em estado terminal.

— O que que eu faço com as poucas ampolas de Peditina que, eventualmente, a gente consiga emprestadas? Dou para o paciente que chorar de dor mais alto? — desespera-se a farmacêutica Cleonice Romualdo, chefe da Farmácia do Hospital de Base de Brasília.

Eternamente superlotado, com nada menos de 1.200 atendimentos diários, no Hospital de Base pacientes deitados em macas sem lençóis pelos corredores estreitos é um quadro comum. Um desses pacientes, o pedreiro Antônio Lopes Galvão, 63 anos, vítima de um derrame cerebral, não esconde um misto de perplexidade e revolta.

— Gente, hospital tem que ter higiene. Como é que pode uma coisa dessas? Tô aqui há três dias sem tomar um banho, todo fedorento. Pelo amor de Deus, cadê o padioleiro? — gritava.

Na verdade, mais que padioleiros, para os pacientes dos corredores do Hospital de Base faltam banheiros: há apenas um para mais de 30 doentes, entre homens e mulheres. Outra ausência que torna insuportável a situação desses pacientes é a total ausência de ar condicionado, pois o sistema do hospital *pifou* há algum tempo, deixando como lembrança apenas os buracos na parede, que não chegam a aliviar o calor, às vezes muito forte.